



/ Reportagem / Fortis Falcões 50 Anos

BAPTISMO A 9G

SÃO OS TOP GUN DA FORÇA AÉREA PORTUGUESA, CORPO DE ELITE DE PILOTOS DE CAÇA COM UM HISTORIAL RICO E QUE ESTÁ A FAZER MEIO SÉCULO DE EXISTÊNCIA. SÓ UM RELÓGIO MUITO ESPECIAL PODERIA SATISFAZER ESTE CORPO DE ELITE.

Texto Fernando Correia de Oliveira / Fotos Nuno Correia



Para comemorar os 50 anos da Esquadra Falcões, localizada na base de Monte Real, foi agora produzida uma edição limitada do modelo B-42 da Fortis. São 50 relógios automáticos, com horas, minutos, segundos, data e três fusos horários. Com o símbolo dos Falcões às nove horas, têm o número de série e o nome do piloto na lateral da caixa em aço, com vidro em safira de ambos os lados e é estanque até 200 metros. Estas peças não chegarão ao mercado, dado que a procura foi intensa entre actuais e antigos pilotos da esquadra. Para provar a fiabilidade e resistência do relógio, os 50 Fortis Falcões

foram submetidos a um voo de baptismo, atingindo os 9 G (nove vezes a gravidade terrestre) a bordo de dois caças F16, numa operação coroada de êxito.

«Abnegação, rusticidade, competência e fiabilidade são qualidades que se esperam de um Falcão português», salientou na festa de aniversário o Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, General Luís Araújo. «São essas as qualidades que encontramos também nos relógios Fortis, pelo que a escolha foi acertada».

Já o Falcão-Mor, Tenente-Coronel Luís Seródio, cujo nome de código é Elvis e que é actual comandante da Esquadra, recordou que a parceria com a Fortis dura



« PARA PROVAR A FIABILIDADE E RESISTÊNCIA DO RELÓGIO, OS 50 FORTIS FALCÕES FORAM SUBMETIDOS A UM VOO DE BAPTISMO, ATINGINDO OS 9 G A BORDO DE DOIS CAÇAS F16... »



há quase uma década, pois houve anteriormente várias edições limitadas da marca para os Falcões. «O relógio é robusto e fiável, como tudo aquilo que usamos nas nossas missões», referiu.

A história da Esquadra Falcões está ligada à da Base Aérea n.º 5 de Monte Real, onde hoje se localiza, mas o seu início remonta à então Base Aérea n.º 2 da Ota. Foi em 4 de Fevereiro de 1958 que nasceu a Esquadra 50 Falcões, tendo como primeiro comandante o Capitão Piloto Aviador Gualdino Moura Pinto. A sua criação foi originada pela entrega a Portugal das aeronaves F-86F, ao abrigo do Military Defence Assistance Program, como contrapartida da utilização da Base das Lajes.

Para lema, os Falcões adoptaram ‘Guerra ou Paz Tanto nos Faz’ e o símbolo escolhido foi o

falcão peregrino, uma ave de rapina com características únicas. Com efeito, o falcão peregrino – o ser vivo mais rápido de todos – tem particularidades que lhe permitem atingir velocidades incríveis, mantendo uma precisão e beleza de voo que impressiona o Homem, desde a Antiguidade.

Como recorda um artigo da revista Mais Alto, o órgão oficial da Força Aérea Portuguesa, assinalando o meio século de vida da Esquadra dos Falcões: «já no antigo Egipto simbolizava o deus Horus e, na Idade Média, a sua posse era um indicador de estatuto social, sendo apenas autorizada a membros da realeza e da corte. O falcão peregrino é um caçador destemido que se alimenta quase exclusivamente de aves. Pode afirmar-se que dentro do território de caça de um falcão peregrino nenhuma ave estará segura, em-

bora as suas presas sejam fundamentalmente aves de pequeno e médio porte. Percebe-se, assim, a adequação perfeita do símbolo escolhido face à missão da Esquadra».

Os primeiros F-86F Sabre chegaram a Portugal em 25 de Agosto de 1958. É de assinalar que esta aeronave foi a primeira da aeronáutica portuguesa a «esburacar a barreira do som», usando a expressão com que os Falcões fundadores se referiam à passagem da barreira do som.

Foi ainda nos tempos de formação na Ota que se colocou por cima da porta da Esquadra a frase «Por esta porta passam os falcões mais ferozes do mundo», frase que passou a estar presente em todas as portas de entrada das instalações onde a Esquadra funcionou e que se mantém, até hoje. Foi no dia 22 de Setembro do mesmo

ano que se efectuou o primeiro voo em F-86F com um piloto português aos comandos, honra que naturalmente pertenceu ao Comandante de Esquadra, o Major Moura Pinto. A forma de estar e sentir do primeiro Falcão-Mor ficou bem gravada nas suas palavras escritas, após esse voo, no Livro da Vida Privada dos Falcões, um livro onde foram escritas algumas passagens da vida da Esquadra pelo cunho dos seus pilotos.

Em 1980, recorda o articulista da Mais Alto, ocorrem os últimos voos de F-86F, «constituindo-se Portugal como o último país da NATO a voar, operacionalmente, este lendário jacto supersónico, no qual foi efectuado um total de 60.000 horas de voo, de treino e operacionais, em tempo de paz e em teatro de operações de guerra».

No final de 1981, a Força Aérea recebeu os primeiros A-7P Corsair II, aeronave que permitiu

conciliar as modernas tecnologias de navegação autónoma e de sobrevivência em combate, com um sistema de armas de tiro preciso e com as táticas mais avançadas de combate aéreo. A designação de Falcões passou a identificar a Esquadra 302, herdeira das tradições das Esquadras 51 e 201 que a tinham precedido como unidades de caças.

Em Agosto de 1990 Portugal inicia o processo de aquisição de 20 aviões General Dynamics F-16A Fighting Falcon, cujo programa recebeu a designação de Peace Atlantis. No desenvolvimento do processo, decidiu-se reactivar a Esquadra 201 Falcões, em 4 de Outubro de 1993. A partir de Julho de 1994, começou a entrega dos F-16, tendo-se oficializado em 21 de Fevereiro de 1995 a entrada ao serviço dos 20 F-16.

Desde o final de 2001, após os atentados terroristas do 11 de Setembro, o estado de prontidão

do alerta da defesa aérea foi alterado para dar resposta a um nível de ameaça considerado elevado. Desde então, e em contínuo, a Esquadra 201 mantém o alerta de defesa aérea e policiamento aéreo 24 horas por dia, num estado de prontidão elevado (15 minutos), com duas aeronaves F-16 armadas com mísseis reais e canhão. Esta é uma missão em que a disciplina e a capacidade de resposta contínuas personificam o espírito da Esquadra dos Falcões.

Historicamente, os Falcões foram, e continuam a ser, uma Esquadra de referência a operar meios aeronáuticos que estão na vanguarda, em termos tecnológicos, dos novos sistemas de armas. E há meio século que defendem a integridade do espaço aéreo nacional ou, como é gíria no palácio dos Falcões, mantêm «*Air Supremacy since 1958*».